



BORIS SCHNAIDERMAN é professor aposentado da FFLCH-USP, tradutor e ensaísta. É autor, entre outros, de *Dostoiévski – Poesia e Prosa* (Perspectiva).

Ordem e

NARÚSIA, A PARTIR DE 1917.

caos

UMA ABORDAGEM EMPÍRICA



BORIS SCHNAIDERMAN

tema candente em nossos dias, e que já suscitou tanta especulação científica e filosófica, a relação entre ordem e caos deve ser acompanhada, também, de uma elaboração no plano do empírico. Por isso, vou tratar agora de fatos ligados a minha experiência pessoal, a partir da infância em Odessa, que, apesar de situada na Ucrânia, era essencialmente uma cidade russa.

Já no final do século passado, Antero de Quental escrevia a seu amigo Jaime de Magalhães Lima, tolstoiano convicto, e que fora visitar Tolstói em Iásnaia Poliana:

“Tenho pena de que se não tivesse demorado mais na Rússia para nos poder dar mais algumas impressões daquela nação destinada a exercer influência decisiva na futura civilização. Que espécie de influência? Confesso-lhe que tenho graves preocupações a tal respeito e que desconfio bastante de gente de tanta imaginação. [...] O pen-

samento da Rússia, até agora, parece-me perfeitamente caótico. Mas o mundo começa a estar tão cansado de lógica, de ciência, de análise, que talvez se deixe levar mais uma vez pelos entusiastas e visionários. Creio que é isto o que explica o *engouement* atual pelos russos. Mas, em suma, será sempre necessário voltar à razão e aos seus processos severos” (1).

Com toda a clarividência que Antero de Quental revela, com a capacidade prodigiosa de perceber o movimento da história, e com aquele medo de os russos levarem o mundo a não se submeter aos “processos” da razão, na realidade ele expressava um sentimento que parece não ter sido raro no Ocidente daquele tempo (isto assume um caráter trágico, se pensamos em seu suicídio). Tanto é que Euclides da Cunha, poucos anos depois, iniciava um artigo sobre a Rússia, que está em *Contrastes e Confrontos*, escrito por volta de 1904, afirmando simplesmente: “A Rússia é bárbara” (2).

Os anos subsequentes vieram apenas confirmar essas vozes que se alarmavam com o que a Rússia poderia provocar no mundo. (Do ponto de vista do imediato e contingente; já o sentido que esses acontecimentos poderiam ter é outro problema.)

Tendo nascido nos anos tormentosos da explosão, que desde tanto tempo se esperava (a própria literatura do século passado revela com frequência uma expectativa tensa em relação ao futuro do país), vivi em contato com o que havia de caótico naquela experiência, e que ao mesmo tempo muitos tratavam de canalizar no sentido da racionalidade com que Antero de Quental acenava. Para simbolizar a convulsão reinante, basta uma lembrança que me ficou da infância: em Odessa, onde vivia minha família, havia, num dos pontos centrais da cidade, um monumento a Catarina II, mas, com a iconoclastia típica da época, a efígie

Este trabalho serviu de base a uma comunicação no III Congresso Internacional Latino-americano de Semiótica, realizado na PUC/SP de 31 de agosto a 3 de setembro de 1996.

1 As cartas que se conhecem de Antero de Quental a Jaime de Magalhães Lima, depois que este empreendeu sua visita a Tolstói em Iásnaia Poliana, estão espalhadas por diversos volumes da correspondência do poeta. Numa, datada de 2/2/1889, ele escrevia: “Quem me dera viver sempre com doidos como o conde Tolstói! Não é só um santo, é também um sábio”. Cf. *Cartas de Antero de Quental*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1921.

A relação de Jaime de Magalhães Lima com Tolstói foi historiada pelo eslavista norte-americano William B. Edgerton, no estudo “Tolstoy and Magalhães Lima”, publicado em *Comparative Literature*, 28, nº 1 (1976). Tratei do mesmo tema no livro *Tolstói – Arte e Rebelião*, São Paulo, Brasiliense, 1983.

2 Euclides da Cunha, “A Missão da Rússia”, in *Contrastes e Confrontos, Obra Completa*, vol. I, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1995, p. 164.

da soberana fora substituída por um Marx provavelmente esculpido às pressas. E justamente devido a essa precipitação, o rosto barbudo tão conhecido passou a encimar um conjunto escultural em que aparecia em evidência o busto avantajado da czarina.

Realmente, eram tempos difíceis e confusos. Devido à falta de energia elétrica, os bondes passaram a ser novamente puxados por cavalos e, quando se restabeleceu a tração elétrica, havia freqüentes paradas durante o percurso, e então os passageiros conversavam tranqüilamente. E ao mesmo tempo, as pessoas em volta de mim viviam como que fora da torrente de subversão da velha ordem. Eu via meninos da minha idade com lenços vermelhos no pescoço ou carregando bandeiras vermelhas, com lemas que lançavam um desafio ao tipo de vida que prevalecia no resto do mundo (prevalecia, sim, apesar de bastante abalado).

Mais ainda: o *élan* utópico parecia querer abranger o universo. Conjeturava-se, como hoje, sobre a existência de seres em planetas distantes e escreviam-se romances em que apareciam soviets instalados em Marte. Para se perceber este clima de utopismo desenfreado, basta ler os versos de Maiakóvski daquele período.

Mas que ordem era aquela que se estabeleceu? Vivíamos com relativa fartura num país faminto. Como? Por quê? Até hoje, tenho dificuldade de compreender como a minha família conseguia levar quase uma vida de classe média, em meio à miséria. Lembro-me de gente caída de fome na rua e da empregada de meus pais, que nós chamávamos de “governanta”, pondo uma códea de pão na boca de um rapazinho quase desfalecido.

Ao mesmo tempo, havia o sentimento de que a ordem nova que se estabelecia não era algo nosso. Assim, um tio meu se postava de binóculo num ponto elevado, pois se espalhara o boato de que estava chegando a esquadra inglesa para livrar a Rússia dos bolcheviques. Pobres esperanças! Mal sabia eu que, num daqueles momentos de confusão, quando as potências ocidentais intervinham diretamente em favor dos “brancos” na guerra civil russa, um navio

da esquadra francesa, fundeada diante de Odessa, aparecera com a bandeira vermelha hasteada no mastro. Também não sabia, evidentemente, do clima que se criara no mundo, com as ameaças de convulsão no Ocidente, com medo de subversão da ordem que existia naqueles países. O que eu via era o mundo onde eu me envergonhava de aparecer aos meus com um companheiro de lenço vermelho e onde, no jardim de infância, me encolhia num canto quando as crianças cantavam a Internacional, cuja letra eu não conhecia, o que já de início criava um muro de separação.

Passados muitos anos, durante os quais variou bastante a minha própria relação com o que estava acontecendo na Rússia, voltei àquele país em 1965, como professor de Língua e Literatura Russas, a fim de participar de um seminário, visita essa renovada várias vezes nos anos subseqüentes.



O poeta
Vladimir
Maiakóvski

Pois bem, toda vez que eu voltava ao país natal, via uma aparência de ordem e trabalho que impressionava. Em toda parte, grandes inscrições proclamando “Glória ao trabalho!” (“*Slava trudu!*”), monumentos ao fundador do regime, muita ordem e segurança nas ruas. Parecia realmente o império da ordem e da tranqüilidade. Mas já os primeiros contatos permitiram perceber que era algo fictício e aceito como uma convenção.

Em primeiro lugar, o país não tinha nada em comum com aquela utopia maiakovskiana, a sua peça *O Percevejo*, onde se vê instituído no mundo o sistema comunista, mas um sistema de vida asséptica, regrada, em que não podia haver nem um pouco de relaxamento, nem canções, música, expansividade. Ao contrário, se voltava para casa de noite, via bêbados por toda parte, no metrô, nas calçadas, nos jardins. Era um mundo completamente oposto àqueles *outdoors* que proclamavam os lemas sagrados. E aos poucos, fui percebendo que os dois mundos coexistiam graças a um sistema de hipocrisia dos mais intensos.

O culto à ordem, o horror à permissividade e ao caótico, parecia algo entranhado em boa parte da população. Era como se, depois da subversão completa de um tipo de vida, as pessoas se agarrassem ao estável, ao permanente.

E a preocupação com a ordem, a valorização desta, chegara a tal ponto que, na linguagem cotidiana, a ordem era identificada com a cultura. Assim, sempre que alguém transgredia alguma norma estabelecida, aparecia outro para lhe dizer: “Cidadão!” (Era este o tratamento usual entre desconhecidos.) “Isto não é coisa de gente culta (*Eto nieculturno*)”. E esta preocupação com o *nieculturno* parecia verdadeira obsessão. Se um casal de namorados se expandia um pouco em público, sempre aparecia uma pessoa de olhar severo, para dizer a frase consagrada. Eu mesmo fui interpelado assim no metrô, porque me sentara de pernas cruzadas, sem saber que estava cometendo uma infração à cultura, e foi impossível convencer o meu interlocutor irritado de que em meu país, o Brasil, esse

comportamento não tinha nada de inculto.

Havia uma distância abissal entre o ser e o parecer, e que se manifestava em todos os momentos. Por exemplo, não existia legalmente nenhuma restrição aos divorciados de ambos os sexos, mas na prática a discriminação era algo aceito como normal e justo. Assim, na universidade em que eu estava participando de um seminário (isto é, a Universidade Patrice Lumumba, destinada aos estudantes do assim chamado Terceiro Mundo), ficou vaga a cátedra de Língua Russa, e eu ouvi duas professoras comentarem: “Fulano seria um candidato muito bom, mas não pode ser, ele é divorciado”. Era um mundo que mostrava exteriormente sisudez e compostura, mas, por baixo dessa camada rígida, a vida fervia intensamente.

A última vez que voltei à Rússia foi em 1987, isto é, dois anos depois do início da *glasnost* e da *piestróika*, e vi tudo mudado. Lá estavam os *outdoors* proclamando glória ao trabalho, as estátuas de Lênin, as bandeiras vermelhas. Mas o cotidiano se transformara completamente. Segundo me pareceu, não havia mais clima para ninguém levantar o dedo em riste e chamar o comportamento do vizinho de uma ação inculta. Assim como ruíram as proibições de ler ou escrever algo que não fosse canônico, o comportamento das pessoas parecia não se pautar mais pelo medo de parecer “inculto”. A própria identificação entre cultura e ordem aparentemente desaparecera, e já se tornara inconcebível, por exemplo, alguém falar em tinteiro “culto”, frase que assustara um russo emigrado ao ouvi-la, numa conferência sobre temas elevados, realizada em território tomado aos nazistas (trata-se de uma impressão que me foi confessada, pouco após a guerra).

Enfim, temos aqui apenas alguns fragmentos de minha própria experiência. Eles certamente se prestariam a uma elaboração mais teórica, há um mundo de questões relacionadas com esta intercepção entre o pessoal e o histórico, o individual e o coletivo, e neste sentido o que expus agora constitui etapa de uma reflexão mais ampla que pretendo empreender.